

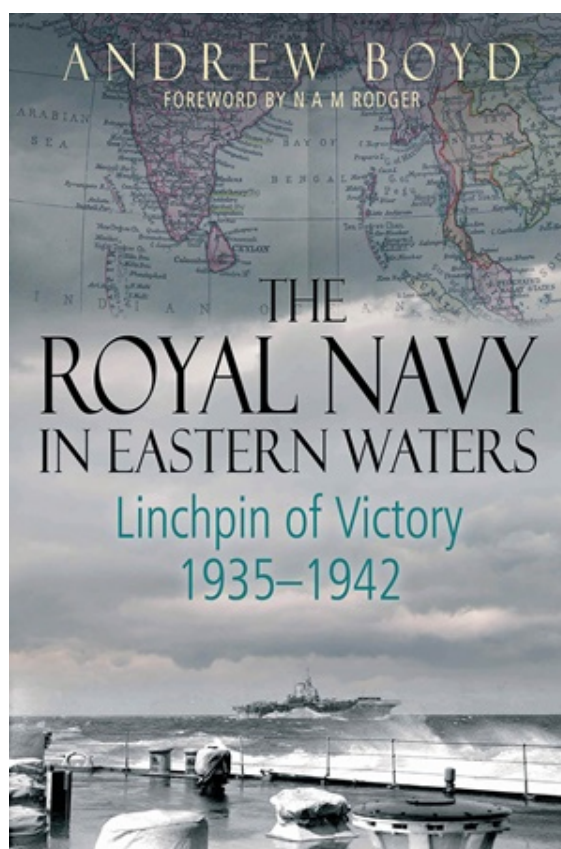
Andrew BOYD: *The Royal Navy in Eastern Waters: Linchpin of Victory 1935-1942*, Barnsley, Seaforth Publishing, 2017, 538 pp.
ISBN: 978-1473892484.

Jorel Musa de Noronha Lemes
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Brasil

Revisitando o esforço de guerra britânico e a sua preparação e estratégia contra o Japão

A obra de Andrew Boyd, *The Royal Navy in Eastern Waters: Linchpin of Victory 1935-1942*, oferece uma reavaliação de um teatro de operações pouco estudado, analisando a preparação do Reino Unido para a luta contra o Japão e o esforço de guerra britânico no oceano Índico e no sudoeste asiático. Com uma metodologia que prioriza os dados primários, o autor coleta fontes primárias a respeito das estratégias, decisões e reuniões britânicas, e dos constrangimentos sofridos pelo Império Britânico de 1935 a 1942.

A obra não detalha com profundidade os enfrentamentos entre os britânicos e japoneses de 1941 a 1942, a exemplo da queda de Singapura e do afundamento da Força Z. O interesse de Andrew Boyd é nas decisões e nas questões logísticas e materiais, de 1935 a 1941, que criaram um cenário em que o Japão conseguiu um sucesso inicial. O tema central do livro é o papel da *Royal Navy* na proteção dos territórios imperiais no oriente, englobando o Oriente Médio, o Egito, o leste da África, a Índia e a Austrália, e como estes territórios foram importantes para o esforço de guerra britânico. O recorte temporal, de 1935 a 1942, foi feito pelo fato de que 1935 foi o primeiro ano em que a ameaça tripla da Alemanha, do Japão e da Itália ao Reino Unido começou a ser vista como uma ameaça possível de ser concretizada, enquanto após 1942 as ameaças aos territórios mencionados acima, sejam elas vindas do Mediterrâneo, do Oriente Médio ou da Ásia, já haviam sido cessadas.



O livro é dividido em quatro partes. Na primeira o autor discute a evolução das estratégias britânicas de 1935 até a queda da França, também examinando o potencial britânico e os pontos fortes e fracos da *Royal Navy*, em um contexto de expectativa de confronto nos dois hemisférios. A segunda parte descreve a mudança da estratégia britânica após a queda da França e a subsequente diplomacia com os Estados Unidos, enquanto a terceira parte traz a evolução dos planos britânicos direcionados ao Japão do início de 1941 em diante, levantando os motivos por trás dos fracassos sofridos por este país em dezembro de 1941. Por último, a quarta parte demonstra porque a proteção do oceano Índico era decisiva ao esforço de guerra britânico, e como o Reino Unido reagiu para defender esta região.

A capacidade da produção naval britânica nos anos 30 até 1941 é reavaliada: ao contrário da narrativa tradicional de uma indústria ineficiente e fraca que sofreu com perda de expertise, isso devido ao período de não construção de navios capitais por causa do Tratado de Washington de 1922, a indústria de construção naval britânica neste período possui melhores números que o total de seus rivais em várias classes e do que o suposto auge da produção naval britânica, durante a corrida armamentista naval anterior à Primeira Guerra Mundial até 1918.

A fixação pela batalha decisiva não estava presente na marinha britânica neste período. De fato, Andrew Boyd demonstra que o foco britânico era no controle das linhas de comunicação do Império, não ignorando a ameaça submarina e treinando suas tripulações em operações de proteção de comboios e no uso combinado de porta-aviões com a frota convencional.

Nos anos 20 a *Royal Navy* visava uma paridade para com a frota estadunidense, paridade que fora acordada no Tratado Naval de Washington de 1922. Todavia, como o Reino Unido produziu ao seu limite permitido e os Estados Unidos não, a *Royal Navy* ainda tinha a supremacia em termos numéricos na década de 20. Com a retomada dos investimentos japoneses e alemães no início da década de 30, o planejamento britânico de construção naval mirou uma paridade com o total das marinhas de ambas as nações. A estratégia britânica visava uma guerra ofensiva na Europa em conjunto com uma posição inicialmente defensiva no sudoeste asiático.

O investimento britânico anterior a 1940 no combate antissubmarino, com por exemplo a cessão da construção dos encouraçados da classe *Lion* e o adiamento da construção de dois porta-aviões, em troca da construção de embarcações antissubmarinas, permitiu com que o Reino Unido estivesse melhor preparado para o pior cenário possível, o da queda da França e o do uso dos portos franceses por submarinos alemães, em conjunto com a entrada da Regia Marina na guerra e a contínua e crescente ameaça japonesa.

O investimento britânico de 1935 em diante, equilibrado entre navios capitais e navios de escolta e antissubmarinos, não fora perfeito, mas conseguiu, relativamente,

melhor preparar o Reino Unido para a guerra que enfrentaria de 1940 em diante, em comparação aos investimentos japoneses e alemães no mesmo período. Nota-se que a Alemanha priorizou a construção dos submarinos somente após 1940, com este país tendo cerca de, no máximo, vinte submarinos operacionais no Atlântico em 1939 e 1940. Enquanto isso, a priorização britânica na construção de *destroyers* fora feita em 1939, tornando possível a presença de quatro escoltas britânicas para cada submarino alemão em atividade nos primeiros anos do conflito.

Em termos tecnológicos, o Reino Unido estava na vanguarda em várias áreas, como em radares, direcionamento de fogo e em canhões antiaéreos nas embarcações pesadas. Por outro lado, uma escolha britânica que impactou negativamente a sua frota durante o conflito foi a priorização de aviões de escolta e reconhecimento para a aviação naval, resultando na falta de um caça competitivo para a *Fleet Air Arm* de 1940 em diante.

A principal conclusão da primeira parte da obra é que o Reino Unido em 1939 estava melhor preparado para a guerra que enfrentaria do que seus rivais. Este país não somente tinha superioridade numérica, mas também possuía uma indústria naval que superava a soma da produção das indústrias dos três países do Eixo. A suposta falta de porta-aviões e encouraçados em 1941 e 1942 foi uma consequência da priorização no combate antissubmarino, mas como Boyd demonstra, apesar desta priorização o Reino Unido ainda conseguiu planejar em 1942 juntar no oceano Índico uma frota equivalente às frotas estadunidense e japonesa em presentes em Midway.

Em relação à estratégia naval britânica até 1940, ela foi flexível e moldada pela proteção de um núcleo interior do Império, englobando o Egito, o Oriente Médio e o sudoeste asiático. Ao contrário da visão da historiografia tradicional, a estratégia britânica não estava focada inexoravelmente em Singapura, mas sim na administração e no balanceamento das forças necessárias para o controle do Mediterrâneo, do Atlântico e do sudoeste asiático, observando os teatros de operações de uma forma conjunta.

Após a queda da França até os meados de 1941, a percepção britânica era de que as duas ameaças principais eram os submarinos e navios alemães no Atlântico e a ameaça do Eixo no Mediterrâneo e no Norte da África. Com isso, devido à flexibilidade da estratégia britânica, o sudoeste asiático foi enfraquecido enquanto a maior parte da frota britânica alocou-se ao Mediterrâneo. O foco no Mediterrâneo fora feito por três principais fatores: a negação do óleo iraquiano ao Eixo; a proteção do óleo iraniano e da fronteira ocidental do Império britânico oriental, os quais eram fundamentais para a participação destes territórios no esforço de guerra britânico; e a negação do controle do Mediterrâneo e do Norte da África à Alemanha, o qual teria implicações na batalha do Atlântico.

Após o início da Operação Barbarossa e a entrada da União Soviética no conflito, o Oriente Médio e a Pérsia ganharam ainda mais importância. A expectativa

britânica era de uma vitória alemã e uma subsequente invasão do Eixo ao Oriente Médio pelo Cáucaso. Logo, o contato com a União Soviética pela Pérsia, feito em 1941, e a contínua exploração pelo Reino Unido do óleo iraquiano e persa, foram vistos como vitais ao esforço de guerra. Uma posição de defesa avançada fora tomada no Mediterrâneo e Oriente Médio, com o intuito de proteção da fronteira ocidental do Império Oriental, mas isto fez com que se tornasse impossível replicar o mesmo no sudoeste asiático. Entretanto, a estratégia dos britânicos foi manter tal posição em ambos os teatros de operação, criando um cenário de grande possibilidade de derrota no extremo oriente, em Singapura. O que faltou foi uma revisão da estratégia contra o Japão, e por isso os tomadores de decisão focaram na defesa de Singapura, algo que tornou difícil de se fazer pelo controle japonês da Indochina e devido às próprias fraquezas estadunidenses na região.

A escolha de uma posição avançada da frota britânica no sudoeste foi moldada pelas decisões feitas entre o Reino Unido e os Estados Unidos, tendo início nos encontros formais de cooperação naval em 1938. Com a queda da França em 1940, as atitudes estadunidenses afetaram diretamente a estratégia britânica no oceano Índico. Priorizando o Mediterrâneo e o Oriente Médio em 1941, a esperança britânica era de que os Estados Unidos contrabalanceassem a frota japonesa, que eles aumentassem a proteção das Filipinas, e que praticassem uma efetiva dissuasão ao Japão. Todavia, esta esperança britânica era secundária ao desejo britânico da prioridade estadunidense ao combate à Alemanha. O resultado dos encontros ABC em 1941 foi a decisão pela estratégia de foco no Atlântico, com os Estados Unidos se comprometendo a auxiliar o Reino Unido contra a Alemanha. Porém, isto levou ao adiamento de reforços direcionados ao Japão.

O fortalecimento do Reino Unido e dos Estados Unidos do sudoeste asiático e do Pacífico, respectivamente, começou a ganhar momentum ao fim de 1941. Os planos chamavam por uma força suficiente para dissuadir ou combater o Japão nos meados de 1942, mas o ataque japonês em dezembro de 1941 aconteceu quando os aliados já tinham importantes navios no teatro de operações, a exemplo da Força Z, mas em números insuficientes para dissuadir e combater a marinha japonesa. De qualquer forma, o argumento de Andrew Boyd é que a inferioridade numérica britânica no oceano Índico em 1941 e no início de 1942 foi algo temporário, resultado dos compromissos britânicos contra a Alemanha e a Itália. O fracasso foi na não identificação do risco que as embarcações britânicas tinham em Singapura enquanto a frota britânica no oriente ainda estava sendo formada, com os reforços tendo que atravessar milhares de milhas para chegarem em seu destino. Conseqüentemente, a decisão foi feita por uma defesa avançada em Singapura pelas embarcações disponíveis na região já no final de 1941, esta decisão moldada também pela percepção que os britânicos tinham da capacidade de defesa estadunidense nas Filipinas e no Pacífico.

Porém, apesar da percepção tradicional de uma retirada britânica do oceano Índico após a destruição da Força Z, o que ocorreu foi justamente o oposto: os novos planos britânicos pediam pelo posicionamento de três quartos de toda a *Royal Navy* no oceano Índico em 1942. A decisão pela priorização do oceano Índico fora moldada pela importância dos recursos da região, principalmente do óleo, para o esforço de guerra britânico, além da importância da rota pérsica à União Soviética.

O único enfrentamento de fato detalhado pelo autor é o ataque japonês em Ceilão e no oceano Índico em 1942. O objetivo japonês era a destruição da frota britânica que ainda estava sendo formada na região, e apesar do Japão ter afundado algumas embarcações pequenas do Reino Unido, a frota de Somerville não fora descoberta pela marinha japonesa, enquanto o almirante britânico perdeu uma chance de ataque à frota japonesa, e esta se retirou da região.

Os reforços britânicos continuavam chegando no oceano Índico, e em maio Madagascar foi invadida na primeira operação combinada dos aliados na guerra. Entretanto, dois acontecimentos fizeram com que a frota britânica no oriente fosse redistribuída aos outros frentes: a batalha de Midway em junho incapacitou a frota japonesa e retirou a necessidade da manutenção de uma grande frota britânica no oceano Índico, enquanto no Mediterrâneo as demandas cresceram, com o planejamento de comboios em direção a Malta, que resultou na operação Pedestal em agosto e que usou grande parte das embarcações que estavam no oceano Índico, e com o planejamento da Operação Torch, que iria ocorrer em novembro de 1942 com dois terços das embarcações sendo britânicas.

A conclusão de Boyd é que as derrotas britânicas foram impasses temporários ultrapassados pelo sucesso britânico na proteção do que realmente importava para a continuidade do esforço de guerra do Império. Além do mais, apesar de significativas perdas em três anos de guerra e vários compromissos ao redor do mundo, o plano britânico feito em 1942, inteiramente possível de se concretizar, era o posicionamento de uma frota no oceano Índico, em setembro de 1942, com números equivalentes aos aviões e às frotas americanas e japonesas presentes em Midway, mas sendo que a *Royal Navy* tinha superior detecção e direcionamento por radar do que ambas. Todavia, a vitória estadunidense nesta batalha tornou desnecessária tal alocação de navios ao oceano Índico.

Em suma, a obra de Andrew Boyd revisita as estratégias britânicas a respeito do oceano Índico e da fronteira ocidental do império oriental, dando atenção à importância destes territórios ao esforço de guerra britânico e aliado. Seus argumentos possuem uma fundamentação forte, com relevantes dados quantitativos relacionados à logística britânica e à importância dos poços petrolíferos para os esforços de guerra de todos os países em análise. Enquanto isso, a estratégia britânica anterior a 1941 é reavaliada, sendo recaracterizada pela flexibilidade e na maioria dos casos, pela correta

previsão das estratégias de seus rivais e das situações, enfrentamentos e constrangimentos que o Reino Unido sofreria de 1939 a 1945. O resultado é uma visão da *Royal Navy*, ao invés de ser de uma marinha ultrapassada, ineficiente e mal preparada para o confronto que viria, de uma marinha altamente preparada para os vários compromissos que teria na Segunda Guerra Mundial. Apesar de suas perdas, o Império britânico estava pronto para defender o oceano Índico nos meados de 1942.

Esta reavaliação feita por Andrew Boyd se demonstra como inovadora e produtora de uma grande contribuição à historiografia da Segunda Guerra Mundial. Nenhuma marinha tinha os compromissos que a *Royal Navy* tinha em 1941 e 1942, os britânicos tendo que lidar com as frotas de superfície alemã e italiana, com a frota submarina alemã, e com a proteção dos comboios que atravessavam o Atlântico e dos direcionados à União Soviética pelo Ártico. Logo, a estratégia britânica era necessariamente flexível, e ela é de um dos mais importantes casos de gerenciamento de risco em um conflito, com este país priorizando os principais riscos nos momentos certos e com a alocação dos recursos suficientes. A queda de Singapura e o afundamento da Força Z foram a exceção, mas como demonstrado pelo autor, não foram decisivas para o fim da posição britânica no oceano Índico, e não significaram que a *Royal Navy* não tinha a capacidade de combater a ameaça tripla observada desde 1935.